

EDITORIAL

O número atual da ARTEFILOSOFIA publica textos recebidos do fluxo contínuo, no total de seis artigos e uma tradução. São escritos que, através da leitura de cânones filosóficos, refletem a importância da dimensão estética no mundo contemporâneo.

Em *Poética do gesto: do dandismo à arte contemporânea*, Alex Costa propõe uma reflexão sobre as interseções entre estética e ética a partir de um personagem símbolo da Modernidade, o controverso e enigmático dândi. O autor articula a literatura sobre tal figura com a teoria estética de Jean Galard, que vê no gesto um ato poético capaz de unir a dimensão ética e a dimensão estética. Assim, quando vistas sob o prisma teórico de Galard, as características próprias ao dandismo, que representavam uma crítica à Modernidade, são aqui postas como uma chave de leitura que nos ajuda a compreender não somente os ready-mades de Duchamp, mas caminhos que permitem transformar o cotidiano em uma obra de arte.

Por sua vez, em *Afinal, o que as artes (ainda) comunicam?*, Waldir Severiano parte de uma recuperação sistemática da estética schopenhaueriana com foco no seu “lado objetivo” afim de demonstrar que, após uma revisão crítica, a sua tese de que a obra de arte comunica conteúdos filosóficos é capaz de oferecer uma teoria estética na qual a arte é portadora de sentido. A partir das noções de experiência contemplativa, e que a arte veicula conteúdos com significado, o autor busca reabilitar a filosofia de Schopenhauer no debate estético contemporâneo, e não se limita à uma abordagem puramente exegética da questão. O artigo reivindica o lugar de Schopenhauer na contemporaneidade como uma estética da pluralidade.

Em *Fim de linha ou marco zero?*, Paulo Cerruti mergulha no contexto musical alemão do pós Segunda Guerra e apresenta as nuances, tanto das divergências quanto das convergências, sobre o dodecafonismo e a música de vanguarda nas interpretações de Adorno e dos serialistas. Ao resgatar o debate crítico, o autor nos credencia a acompanhá-lo no desenvolvimento de uma resposta para a pergunta sobre o papel da música dodecafônica após a barbárie de Auschwitz – seria ela um apagamento do passado, na medida em que foi tomada como ponto de partida para a construção de uma nova música, ou suas composições eram a representação de uma sociedade que renunciava o nazismo, e, portanto, ela representaria a insistência na memória do problema?

Já em *Forma e conteúdo na poética materialista e dialética de Mikhail Bakhtin*, Luiz Borges traz uma releitura da teoria estética de Bakhtin como um contraponto às teorias pós-modernistas que, segundo o autor, se desvinculariam da realidade histórico-material. Nesse sentido, retoma-se a base da teoria bakhtiniana, ou os seus “três pilares fundamentais” – conhecimento, ética e arte – para demonstrar que a partir da indissociabilidade entre forma e conteúdo, tanto a obra de arte como a criação artística são intrinsecamente dialéticas e inseparáveis das condições sociais que as precedem e as determinam. Borges, com o auxílio de Bakhtin, nos lembra a responsabilidade do artista perante a sociedade e a história: a constituição do objeto estético também abarca a dimensão ética.

Maiara Martins, em *Rastros do corpo*, evoca a figura mítica da Ninfa para apresentar sua interpretação do trabalho da videoperformance Ana Mendieta. Ao conjugar as tese de Didi Huberman e de Andy Warburg, Maiara não realiza apenas a crítica estética das obras de Mendieta, mas atualiza as leituras sobre o arquétipo da Ninfa ao indicar um paralelismo entre suas características e alguns aspectos que são próprios à videoperformance enquanto forma artística. Tal arranjo demonstra que a efemeridade, qualidade tão comum em nossos dias, quando percebida tanto como atributo arquetípico da Ninfa quanto como um recurso estético, oferece pressupostos para uma crítica do tempo presente.

No artigo *Um notável déficit de bios*, Pedro Pennycook aprofunda-se na crítica hegeliana à escultura da Grécia Clássica para apresentar as contradições internas à própria eticidade grega. A análise costura uma relação entre estética, ética e antropologia afim de demonstrar que o déficit ético-político do ideal plástico grego reside em sua incapacidade de expressar a efetividade do corpo humano. Uma vez que nesse ideal a forma padronizada reflete a harmonia estática, ela suprimiria a contingência do mundo e da agência singular que são constitutivos da liberdade. Com esse percurso, o autor busca demonstrar que a crítica de Hegel ao ideal de escultura grego não reflete apenas em sua crítica à Modernidade, mas também contribui para pensarmos a relação com nossa própria corporeidade.

Este volume traz ainda uma tradução de Vilém Flusser feita a quatro mãos, por Guilherme Foscolo e Erick Felinto. *Filosofia brasileira* foi publicado em 1970 e sintetiza os esforços do filósofo que viveu no Brasil para desenvolver um pensamento filosófico genuinamente brasileiro.

A capa do atual número da ARTEFILOSOFIA é composta por um detalhe do trabalho Luto, da artista Júnia Penna. O trabalho foi realizado durante a pandemia (finalizado em 2022), quando a artista anotava diariamente o número de mortos utilizando a técnica de pastel seco sobre papel.

Agradecemos a autora e aos autores pelos textos enviados, a quem realizou o trabalho dos pareceres e à equipe editorial da ARTEFILOSOFIA – especialmente ao Pablo Furtado pela revisão dos textos, e a Floki Magalhães pela formatação dos mesmos. Desejamos uma boa leitura.

Diego Aurélio e Imaculada Kangussu